

Lúdica

Edgar Carneiro



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Nos Cômoros Plenos

Nos cômoros plenos
Marcando a paisagem
Nos frutos luzindo
Por entre a folhagem
Na noite fechada
No pomar aberto
Na rosa florindo
À gula do insecto
Na várzea desnuda
No canteiro farto
Na lapa escondida
Cedendo ao lagarto
Em tudo há prazer
Há vida e calor
Em tudo palpita
A força do amor

O Poema de Amor

O poema de amor
Começa na mente
Mas ganha na boca
A forma precisa
Primeiro na busca
De termos de enleio
Como língua e lábio
Como sede e seio
Depois nos encontros
De ternura e gosto
De beleza e nexos
E por fim na rima
De lábio com lábio
De sexo com sexo

Além Do Mais

Além do mais
O lúdico estará
Nos olhos e nos dedos
Na pele
E nos seus íntimos segredos
Nos frutos
Com que a flora nos seduz
No sonho
Que a palavra não traduz
Em muito que se diz
Ou não se diz
No cio
Natural em qualquer ente
No gosto
Que o tempero põe ardente
E no sal que o decálogo não quis

Há Sexo Onde Há Vida

Há sexo onde há vida
Aí onde todos
O sabem de cor
Há sexo na cor
Da flor e do fruto
Há sexo na força
Que sobe ou se adensa
No grão diminuto
Ou na orla imensa
Há sexo na via
Mais desencontrada
Há sexo na farpa
No bico de Bunsen
Ou na dobra certa
Da raiz quadrada

O Amor É Um Rio

Amor é um rio
Sem fundos nem fragas
A vinha crescendo
No espelho das águas
É murmuro entono
Da água corrente
Um apelo doce
Atraindo a gente
É breve arrepio
Do vento e da bruma
É lago aquecido
Do Sol e da Lua
É leite macio
Que nem sumaúma
Com peixe luzindo
Molhado de espuma

Achar Encosto À Mão

Achar encosto à mão
E saber que não é
De pedra dura
Mas do mesmo condão
Que gera a fantasia
É dar ao sonho o Dom
Em seu halo de amor
De mesmo em noite fria
Sentir o bom calor
Do sol ao meio dia

A Mão Busca No Sítio

A mão busca no sítio
Os túmidos botões
Acende-se um clarão
Mudando o que era sombra
Na presença que a mente acaricia
E vejo ó tentação
Surgir um corpo nu
A mostrar os indícios do prazer
Que o nosso amor vai ter
Nos momentos mais íntimos do dia

Um Dedo Só

Um dedo só
Como se fora outro
O lúdico a tocar
E logo sentirás
Não a luz lume frio
De premir o botão
Mas toda a brasa ardente
Do pavio
Que faz subir ao rubro
A sensação



Os Dedos Abrem

Os dedos abrem
Quando a sede é nuvem
A cobrir o prado
Logo os olhos vêem
Num deslumbramento
Desnudado e fértil
O pomar sagrado
E mordido o fruto
Assim se repete
Sem veto nem siso
O acto gostoso
Que deixou rendidos
Adão e Eva
Para ser agora
Mais do que memória
Novo paraíso



Eros Vem

Eros vem recamar
A frase nua
Denuncia o redondo
Nas vogais
A lascívia
No golpe dos acentos
Regula o tom melódico
Nas sílabas sonantes
Põe gosto no sentido
E desperta na língua
Viva e doce
A gula dos amantes

A Névoa Ainda Tem

A névoa ainda tem
Um halo de incerteza
Antes que a mão dos ventos
A desnude
E deixe aos nossos olhos
Deslumbrados
Rever o lume ardente
Da beleza

A Rosa Abriu Ao Sol

A rosa abriu ao sol
A sua tentação
Abriu ao roçagar
Suavíssimo da asa
Abriu de igual
Ao meu sentido esperto
Como se fora asa
Como se fora brasa
Ou lúdico ferrão
De algum insecto

Laranja Madura

Laranja madura
A meio cortada
De seiva sorvida
Num súbito assomo
De sofreguidão
Deixou minha boca
Ainda mais louca
De tanta secura
De tal confusão
Que fico pensando
Se em vez de laranja
Teria movido
Teria mordido
Algum coração

Amor Amado

Amor amado
Amor sentido
Amor nascendo
De ter nascido
Amor intenso
Amor profundo
Amor nas línguas
De todo o Mundo
Amor ardendo
Que se consome
Amor guloso
Amor gostoso
Que se alimenta
Da própria fome



Dominante Dizem

Dominante dizem
O viril estoque
No confronto certo
Mas não há vencido
Quando o gume insiste
Sobre o escudo aberto
O dom da vitória
Tem outra medida
Se quem sofre o golpe
É que sente o gosto
De vencer a lida

Do Monte

Do monte
O fruto livre
Do rio até ao delta
O desnudar da bruma
A força da corrente
A ânsia de enfrentar
O leito sinuoso
Até deixar
Na onda amaciada
A rendição da espuma

Os Olhos Vão Primeiro

Os olhos vão primeiro
Decorando a pauta
Os dedos seguem
Dedilhando a harpa
Mas é o corpo todo
Que delira
Nas sensações eróticas
Do acto

Há Sol Na Colina

Há sol na colina
Insecto na flor
Roçando pousando
Se nunca magoar
Não pisa não pesa
Instante indolor
Como quanto é leve
Como quanto é breve
Como quanto é lábio
Em troca de amor



O Pássaro Bica

O pássaro bica
A polpa do fruto
Mais gostoso fica
Dizem mole ou duro
Quando chega à boca
E a língua namora
Seja pêro ou figo
Ameixa ou amora
Seja amargo ou doce
Laranja ou limão
Seja uma romã
Ou a tal maçã
Que tentou Adão

O Beija Flor

O beija-flor
Guloso
Em seu imitador
Em quem beija também
Nos sítios de maior conotação
Direi sedosos
Quentes
Herméticos ou livres
A abrir
No fogo rútilo da cor
Ou apenas no tímido botão

O Beijo

O beijo foi o bago
Duma uva
Que fomos partilhando
Sumo a sumo
Naquela terna jura
Tua e minha
De sermos nós os dois
E mais ninguém
A vindimar depois
A nossa vinha

O Músculo Pulsa

O músculo pulsa
No braço
No traço
Que nasce da mão

O músculo pulsa
Na veia
No peito
No pomo redondo
Que o peito contém

O músculo pulsa
Na pálpebra tensa
Na língua
No lábio
No sexo também

O Ferro Adoça A Pedra

O ferro adoça a pedra
Até ficar polida
Amaciada
E nem veludo ou seda
Nos tiram a volúpia
De tocá-la
Seja com olhos breves
Seja com dedos leves
Ou com a polpa húmida
Dos lábios

Uma Dália

Uma dália descobre
Em tarde quente
De mirá-la
Meus dentes mordem sedas
Vou primeiro tocar-lhe
Levemente
Qual insecto libar
Seu mel gostoso
Só depois vou colhê-la
Com desvelo
Mas deixando em silêncio
Todo o gozo

O Malmequer

Não confio na flor para saber
Se me queres bem ou mal
Cioso da certeza
Desfolho outras pétalas - tecido
A difundir aroma corporal
Melhor sorte me vem da contraprova
De ti recebo agora um bem-querer
Que nem sempre seria augúrio dela
E finda a desfolhada
Eu vejo que da flor não resta nada
Enquanto que de ti
Fica ainda uma flor muito mais bela

Direi Que A Flor À Noite

Direi que a flor à noite
Exala o mesmo aroma

Que longos hábeis dedos
A desvendam
E sempre
O zângão morde o seu botão

Direi que a própria treva
Tem seus olhos
Que levam aos sentidos
O frémito da cor

Mas tudo é fantasia
O álibi do poema
P'ra não falar de amor



Se Era Noite

Se era noite
Perdera o negro manto
Se era nuvem
Deixara ver a nu
A clara diva
Seu corpo denuncia
Apelos de luxúria
Que logo dera amor
Não fora ser contida
Se era anseio
Que mácula temia?
O medo
Pôs alarme no desejo
Se houve um grito cedeu
Ao bálsamo do beijo
Se era um pasmo
Tornou-se movimento
Se era um leito zarpou
A vela abrindo ao vento



Da Noite

Um pássaro cantou
Enquanto os véus da noite
Cediam hora a hora
E como por encanto
Num golpe de magia
A remoçada aurora
Já liberta sorria

Dos morros descobertos
Aos mais esconsos nichos
Os meus olhos espertos
Foram prenúncios dela
Tão sedutora e bela
Que os próprios duros bichos
Ficam hirtos
Impávidos a vê-la



Venhas Mesmo Com Oiros

Venhas mesmo com oiros
No regaço
Eu direi logo flor
Antes de tu mostrares
A rosa imaculada
Embora seja ardente
Este apetite
Que às vezes me consome
Só de ver o teu vulto
Acalma por instante
A minha fome
Agora o que era oculto
Vai ser o meu festim
Pois sei que tu de mim
Já não escondes nada

Põe Termo Na Clausura

Põe termo na clausura
Abre de par em par
As portas todas
Deixa o sol penetrar
Na cela escura
Deixa o tempo correr
A vida só merece ser vivida
Com muito de fortuna
E de alegria
E um pouco embora muito
De prazer

Onde O Sol Esplende

Onde o Sol esplende
É claro o dia
Onde o riso estale
É alegria
Onde os lábios poisem
Nasce o amor
Onde o ferro chega
Aviva o sulco
Donde a haste emerge
Vem o impulso
A dar a seiva ao tronco
A dar viço à flor

O Mar É Feminino

O mar é feminino
Abraça
Enlaça
Enleia
Solta em ondas nos ombros
Os cabelos
Põe no corpo um momento
De euforia
E deixa que se lembre
Em devaneio
A volúpia do mar
Sem fantasia

O Sonho Não Era Sonho

O sonho não era sonho
Pois tu estavas lá
Não com asas
Mas com braços e flancos
E lábios sorrindo
Não com nuvens tapando
Mas com luas abrindo
Não com tudo abstracto
Mas com vida com ânsia
E firmeza no acto



A Teu Lado

A teu lado revivo
O gosto dos limões
Sinto o sabor do mel
Nos lábios doces
Enquanto as mãos desvendam
Onde se escondem búzios
Aguardo sequioso
Na orla dos teus flancos
O bálsamo das ondas
E oiço em tua voz aliciante
O chamamento idílico das rolas



Lançar-me-ei Sem Medo

Lançar-me-ei sem medo
Só em supor-me a salvo
Nos teus braços
Tu me farás então
Respirar boca a boca
E voltar de seguida
Ao movimento
A mostrar que o prazer
Está na vida
Mesmo quando a aventura
É sempre louca

Mergulhámos Juntos

Mergulhámos juntos
Na baía funda
Eu fugindo às algas
Tu com medo aos peixes
Mas sentimos ambos
O maior deleite
Agora rendidos
E sem mais receio
De irreais deslizes
Julgamo-nos bravos
Corações felizes



Deixámos O Barco

Deixámos o barco
Parado no mar
A onda foi concha
Com ave a bicar
Deixámos que o peixe
Mordesse na rede
O sangue deu sangue
E o sal deu mais sede
Deixámos sem rumo
As velas vazias
Mas por entre os mastros
Os ventos são guias



Foras Árvore Apenas

Foras árvore apenas
Quisera ser o vento
Abrindo as tuas folhas
Quisera ser insecto
Beijando as tuas flores
Quisera ser o único mortal
A morder os teus frutos
E a fazer do teu tronco
Resistente
A tábua final
dos meus encantos

Nos Fenos Ardeu

Nos fenos ardeu
O que ao fogo ardia
Uma pena de ave
Ou o próprio voo
Que depois seria

Nos fenos ardia
O que ao fogo ardeu
Insofrida e grave
Arde a própria ave
Que tombou do céu



Agora

Agora é só lembrar
Onde o peixe mordia
E o gosto se dobrava
Entre senti-lo vivo
Ou já no fogo ardendo
Que subia

Agora é só lembrar
Mas se o peixe tentar
Morder onde antes mordia
Mais vale abrir a rede
E devolvê-lo ao mar
Da noite fria



ÍNDICE

Nos cômoros plenos.....	3
O poema de amor.....	4
Além do mais.....	5
Há sexo onde há vida.....	6
Amor é um rio.....	7
Achar encosto à mão.....	8
A mão busca no sítio.....	9
Um dedo só.....	10
Os dedos abrem.....	11
Eros vem.....	12
A névoa ainda tem.....	13
A rosa abriu ao sol.....	14
Laranja madura.....	15
Amor amado.....	16
Dominante dizem.....	17
Do monte.....	18
Os olhos vão primeiro.....	19
Há sol na colina.....	18
O pássaro bica.....	20
O beija-flor.....	21
O beijo.....	22
O músculo pulsa.....	23
O ferro adoça a pedra.....	24
Uma dália.....	25
O malmequer.....	26
Direi que a flor à noite.....	27
Se era noite.....	28
Da noite.....	29
Venhas mesmo com oiros.....	30
Põe termo na clausura.....	31
Onde o sol splende.....	32
O mar é feminino.....	33
O sonho não era sonho.....	34
A teu lado.....	35
Lançar-me-ei sem medo.....	36
Mergulhámos juntos.....	37
Deixámos o barco.....	38
Foras apenas árvore.....	39
Nos fenos ardeu.....	40
Agora.....	41



Colecção

digit@lmente

Título: **LÚDICA**

Autor: **EDGAR CARNEIRO**

Ilustrações: **ALEXANDRA DO CARMO**

Edição em Formato Livro: **2000**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Colecção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997